

Paulo VI e Chiara Lubich. A profecia de uma Igreja que se torna diálogo

Jornadas de Estudo – Castelgandolfo (Roma) – 7-8 de novembro de 2014

Abstract

O nascimento dos Movimentos Eclesiais na Igreja italiana do século XX. Um panorama histórico

Prof. Andrea Riccardi

A contemporaneidade a partir da Revolução Francesa mudou o horizonte das relações entre a Igreja e a sociedade. Os primeiros decênios de 1800 viram a grande falência da tentativa de restauração do Estado e da sociedade católica. É nesta sociedade que se tornou leiga, ou já leiga antes, que se encontra a intuição do movimento católico. “A Igreja deve criar movimento na sociedade”, intuição decisiva que marca a inteira Igreja contemporânea. No “movimento católico” que assim teve início os leigos se posicionam ao lado do clero. A Ação Católica, dos anos 1800-1900, representa o movimento dos leigos por excelência desse período.

A Igreja movimento é Igreja de povo, em contraposição à concepção das elites de uma Igreja dispensadora de serviços. A passagem sucessiva foi aquela da dimensão carismática dos movimentos, que surgiram não mais como emanção da hierarquia, mas por afirmação autônoma. Criou-se um “tecido carismático” popular na Igreja determinado pela iniciativa espiritual e responsável que nasce de mulheres e de homens, da percepção que na Igreja, no mundo, falta algo e que é necessário fazer alguma coisa. Neste contexto se faz uma leitura do “caso” do Movimento dos Focolares na Igreja italiana.

Paulo VI e o apostolado dos leigos: modelo e desenvolvimento na sua visão

Prof. Alberto Monticone

Já durante os trabalhos conciliares Paulo VI havia manifestado o próprio interesse pelo laicato católico, valorizando a sua atividade no período precedente, da qual ele mesmo fora animador, testemunho e mestre, e chamando alguns leigos para participar do Concílio, como observadores. A temática do apostolado no sentido conciliar encontrou um claro enunciado em uma audiência geral, no dia 23 de março de 1966, na qual ele indicou dois tipos de vocações para o leigo cristão: aquela geral à santidade e a específica ao apostolado. No centro da visão do Papa Montini sobre o apostolado dos leigos encontra-se a relação entre a universalidade da Igreja e a sua completa realização nas comunidades particulares.

No período de 1970 a 1973 nota-se o intensificar-se dos encontros de agregações leigas com o Pontífice e a aprovação das suas atividades por parte do Papa, com expressões de encorajamento para prosseguir o caminho segundo os sinais do Vaticano II. Não aparecem ainda os movimentos novos já formados ou em via de desenvolvimento depois da conclusão do Concílio. Naquele período, havia um particular relacionamento entre Paulo VI e o Movimento dos Focolares, em continuidade crescente até 1978. Paulo VI concluiu o seu magistério relativo aos leigos com uma recomendação que emerge do estilo e das palavras da sua inteira ação pastoral: a da amizade, fundamental na relação entre pastores e leigos e entre todos os leigos. Mas a história da amizade no movimento católico e na vida da Igreja contemporânea, com as suas luzes e sombras, ainda está por ser escrita.

Paulo VI e Chiara Lubich: um caminho de comunhão na escuta do Espírito Santo

Dra. Lucia Abignente

A conferência indaga analiticamente e reconstrói na perspectiva histórica a relação entre Monsenhor Montini/Paulo VI e Chiara Lubich, fundamentando-se em documentação inédita. O cuidado e a sabedoria com as quais Paulo VI acompanhou o Movimento dos Focolares resultam ser fundamentais no caminho de progressiva definição da sua identidade, na busca de uma forma institucional que respeitasse a fisionomia desta que ele reconheceu como sendo uma “Obra de Deus”. O conteúdo das cinco audiências particulares que ele concedeu a Chiara Lubich, bem como o grande volume de correspondência e intervenções públicas, mostra a profunda sintonia de finalidades e de ações. Após a beatificação de Paulo VI emergiu, de modo significativo, o seu chamado à dimensão comunitária do caminho à santidade, para uma “santidade de povo”, que encontra total consonância no carisma e no anúncio de Chiara Lubich.

O leste Europeu, Chiara Lubich e Paulo VI

Prof. Paolo Siniscalco

O convergir das iniciativas de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, com as eficazes e concretas sugestões a ela oferecidas por Paulo VI e, imediatamente, assumidas como próprias pelo Movimento, desde o início dos anos de 1960, consentiu a construção de uma rede de relacionamentos e de encontros em muitos países além da Cortina de Ferro, a começar pela Alemanha do Leste. Esta rede permitiu o fornecimento de informações ao Pontífice sobre a situação religiosa naqueles países e proporcionou um grande bem *in loco* à vida da Igreja Católica e dos cristãos, impedidos pelos regimes totalitários e ateus, de manifestar a própria fé. O fato

de que muitos membros da Obra de Maria tenham se estabelecido no Leste europeu consolidou e tornou duradouro o trabalho iniciado e facilitou a difusão da mensagem transmitida pelo carisma da unidade – elemento fundamental da espiritualidade focolarina – reconhecido, pelo clero e pelos fiéis, particularmente apto a responder as exigências de situações difíceis, dolorosas e cheias de perigo.

O ecumenismo de Paulo VI e de Chiara Lubich: sintonia, apoio e profecia

Dr^a. Joan Patricia Back

O pontificado de Paulo VI coincidiu com a trajetória ecumênica do Movimento dos Focolares, que começou nos inícios dos anos de 1960, em contato com os luteranos, os reformados, os anglicanos e, em seguida, com os ortodoxos. Foi a estreita relação com Paulo VI, Athenágoras e outros expoentes do mundo ecumênico que encorajou Chiara Lubich compreender que na espiritualidade nascida do seu carisma havia uma contribuição a ser oferecida à plena e visível comunhão entre as Igrejas. Neste discurso, também com documentação inédita, percorre-se os entrelaçamentos daqueles anos de caminhada ecumênica do diálogo do amor, do diálogo espiritual e do “diálogo da vida”, base para o diálogo teológico.

A imaginação revolucionária: a dimensão profética da espiritualidade dos Focolares em relação à doutrina social da Igreja de Paulo VI

Prof. Alberto Lo Presti

A contribuição ao pensamento social da Igreja de Paulo VI apresenta duas novidades decisivas para a evolução do magistério da Igreja a respeito dos temas da paz, da economia e do trabalho. Uma chave de leitura para enquadrar tal novidade consiste na pesquisa intelectual de Iginio Giordani e na iniciativa espiritual de Chiara Lubich. Em ambos encontra resposta o apelo à reflexão social que Paulo VI lançou em 1971 (*Octogesima adveniens*, 19), isto é, um planejamento capaz de emancipar-se das ideologias para indicar, com coragem, as soluções aos males das sociedades contemporâneas. A resposta do Movimento dos Focolares está numa visão da paz universal e não exclusiva, e na Economia de Comunhão.

Carisma e instituição: reconhecimento eclesial e estatuto

Prof^a Adriana Cosseddu

Documentos inéditos, cartas e normas constituem a premissa de um trajeto de pesquisa cuja intenção é fazer uma comparação, ao lado da “história” que marcou a aprovação do Estatuto da Obra de Maria (Movimento dos Focolares), de dois componentes essenciais: a *Igreja* como instituição e em uma perspectiva jurídica postula um princípio de ordem confiada ao direito; não para que este último se torne uma superestrutura em relação às raízes sobrenaturais do povo de Deus e da comunhão fraterna, mas para consentir a realização da tutela e o crescimento da vida eclesial, nos seus vários aspectos. Ao lado, a outra componente: a “vida” que no mundo se expressa em formas sempre novas e na Igreja pode suscitar, entre as suas diferentes expressões, também aquelas nascidas de um carisma que encontra a sua origem em um dom do Espírito Santo. A *institucionalização* necessária para acolher no “seio” da Igreja instituição o carisma da unidade fará emergir o trajeto do reconhecimento eclesial, a partir de 1947. O *excursus* consentirá colocar em evidência as relações entre Paulo VI e Chiara Lubich.

***Ecclesiam suam* de Paulo VI, o Vaticano II, o carisma da unidade de Chiara Lubich**

Prof. padre Piero Coda

O conferencista tem a intenção de colher na obra de Paulo VI, de um lado, e na de Chiara Lubich de outro, a sinérgica convergência de uma ação diversificada do Espírito Santo de Cristo na sua Igreja hoje. Uma ação que, com formas, caminhos e objetivos distintos e peculiares, tornara-se já clara precedentemente à sua celebração, no contexto daquilo que o Concílio Vaticano II, com propriedade, haveria de propor e contribuiria mais tarde, com renovado ardor e inspiração, para acompanhar tal ação e realizar o seu luminoso e comprometedor legado. Trata-se de *uma leitura teológica* direcionada a colher as conexões e as referências ideais entre as duas obras no espaço luminoso descrito pelo Concílio. E exatamente porque de teologia se trata, a história não está ausente desta consideração. Não se trata da recuperação de fatos históricos pontuais que permitem arguir uma efetiva partilha de pontos de vista, mas, de uma leitura voltada a iluminar alguns aspectos de convergência objetiva – mesmo na notável diferença de formação, de visão, de missão – entre a eclesiologia de Paulo VI e a de Chiara Lubich no contexto da eclesiologia do Vaticano II. Eclesiologias, as duas primeiras, por assim dizer especialmente (ainda que não exclusivamente) *in actu exercito* (no sentido que se trata de uma orientação eclesiológica explícita, em chave pastoral), a segunda, ao invés, *in actu signato* (no sentido de que se trata de uma experiência carismática com implícita, evidente amplitude eclesiológica), mas, todas, sem dúvidas, propiciadoras de significativa e importante renovação.